

Recrutas do exercito turco concentrados em Bagdad para serem encorporados no exercito em operações no Egypto e Caucaso

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
 DIRECTOR
Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.
 EDITOR
Antonio José de Carvalho.
 ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de
 informação graphica

Redacção, administração e typographia
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Photo-Bazar

Deposito geral

Artigos fotograficos

Maquinas e accessorios:
chapas, papeis e produtos,
cartonagens e novidades.

— ■ —
Praça da Liberdade, 99—PORTO



Peçam o nosso catalogo n.º 10



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 27 de março de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 91—Anno II



D. MANUEL LUIZ COELHO DA SILVA
Novo Bispo de Coimbra

Sagrado em 21 de Março de 1915 na Sé do Porto

Chronica da Semana

LXXXXX

VIDA NOVA?

RENASCEM agora, ao fim de quatro annos de apagamento, as procissões. Podemo-lo dizer, embora a prohibição sectaria contra ellas admittisse excepções n'alguns circulos eleitoraes, aonde o chefe democratico iria bater no peito, se preciso fôra, só para não fazer tresmalhar o eleitorado.

E quando ás terças-feiras nas gazetas se estiram em columna e meia os relatos das procissões, a gente tem vontade de esfregar os olhos e perguntar se realmente o factô é verdadeiro...

Annos rolavam atraz d'annos, e na athmosphera abafante do nosso tédio e da nossa desesperança o quadro das procissões a que assistiramos, tinha já um ar das coisas velhas de encanto e unção que acabam rudemente. Quantas vezes, ao entrarmos n'uma simples capellinha d'aldeia e ao vermos encostado á parede, a um canto, o velho estandarte, puido, em carmezim salpicado de sêda, ainda com raminhos de rosas e buxo, mirrados e amarellas, cahindo dos braços d'elle, a gente se sentia subitamente melancolica e saudosa, e não acordava ante nossos olhos todo o scenario vivo e afroador das romarias, o sol em esplendor vibrando lá do alto da cupula azulina, venabulos de oiro sobre os peitos das moças purpurisadas, o asco das pelles encardidas, o cortejo, os andores afestoados, aquelles carões e cabeças de camponios, bronzeos e duros, a franzirem-se e a curvarem-se á passagem do Santissimo Sacramento, e os musicos, já meio incertos nos passos, bufando o *Burro do sr. Alcaide*, e o echo dos morteiros a reboar pelas quebradas, n'um mugido longo... Ah! como tudo isto ia longe! As procissões... as romarias...

Nas aldeias, então, faziam falta. Os domingos tinham até perdido o interesse, porque todos se tinham acostumado a perguntar aos outros quantos domingos faltavam para a festa. Depois, os lenços novos e as arcaçadas, que para alli estavam nas arcas, de castanho, sem se mostrarem... Mas para quê? Já não havia romarias, e o regedor, um que viera do Porto com cadastro e gravata rubra, era perigoso, ameaçava como um intruso...

E se mais algum attentado não se commetteu, se o cruzeiro, por exemplo, ainda estava de pé, este acabamento das procissões e das romarias ficou como base de resentimento e desconfiança contra a republica, a chaga que remorde, fibra a fibra, a saudade que cria os desgostos e as tristezas vagabundas, como luar minguate batendo a copa dos pinhaes, em penumbra. Não era com aberrações de exhorbi-

tante acinte que se faria a captação moral do povo. Nem sequer se procurára uma adaptação aos novos costumes decretados, esmagara-se antes a força que ao passado reporta sempre as almas e que dado o desbaste mental do povo baixo é o seu unico reforço propulsor. Tudo foi abaixo, ás pancadas do camartello jacobino.

... Até que agora o general-presidente decidiu levar as coisas por outra maneira e tornar a dar ao povo o que elle reclamava. Voltam, pois, as procissões e logo no primeiro domingo, foi de ver! as romarias resurgiram com brilho e um ardor de peito que se saccode em dyspneia ha quatro annos.

E' velha tactica o ceder para conseguir, e parece ser esta a do governo que se propoz fibiamente fazer-nos entrar em novo periodo de vida, sob as instituições que até aqui sómente viramos com a féra catadura demagogica, de ferocidade, estupidez, cubiça e astucia d'aquellas faces em que a animalidade prima a intelligencia.

Caso é que, para total e geral convencimento de que isto é, de facto, outra coisa, a reparação dos aggravos não fique em meio. Poderia afirmar que agora é que o presente do 5 d'outubro se defronta com o passado, para fazer a sua prova, deante dos examinadores por comparação, que somos nós. E tem vantagens em faze-lo, que no campo adverso a indecisão dos que não sabem a força com que jogam, e uma scisão funesta e doida, empolgaram as fileiras, corroendo-as. Se a reparação se faz completa (e basta que se realise e leve a cabo na ordem religiosa, porque foi á custa da perseguição ás crenças que os realistas teem feito a sua opposição á republica) o governo colloca-se no melhor campo e põe termo a todas as conjuras. Entre uma grillheta de oiro que instilla veneno amollecerte, e um pulso livre de cadeias ferreas, que se partem para sempre, ninguem hesita, e aberta a valvula, a contensão desafoga, a republica está salva: á vida revolucionaria e irrequieta succederá a das conquistas leaes, menos perigosa.

Resta saber se o general que nos manda, viu assim o problema ou se, ainda sob influxo dos maçonicos coios, presume curar com pannos quentes a ferida que só o ferro em braza cauteriza.

... Um integralista façanhudo combateu-me hontem porque lhe expuz este modo de vêr o que se passa.

Para elle, a republica é corpo que não soffre polimento nem lavagem. Morrerá como nasceu, por um acaso, como as plantas franzinas ou as creanças enfezadas... Não ha probabilidades sob a republica, dizia-me elle. Isto, e apontava para a Camara como um symbolo, se se empertiga, desequilibra-se, porque não sabe montar cavallos portuguezes. E, tirando fumaças, um modo sobranceiro de incomprehendido, referiu-se a uma discussão que vae na imprensa e partiu rogando pragas: — umas bestas...

F. V.

VIDA INTENSA

A

primavera voltou. Luminosa, doce, cheia de côr e d'harmonia, epica como um hymno de fartura, abriu as azas doiradas sobre a terra florindo, e cobriu a natureza d'essa poalha de luz, sensual e farta, que entreabre a bocca das flôres, e gera o primeiro sorriso das arvores.

Como um fremito consolador de vida, a primavera perpassa leve pela natureza sorrindo annunciadora da fartura e da elicidade, nas campinas e nos campos de guerra sobre as trincheiras fumegantes, semeadas de cadaveres e de destroços, ululantes, tragicas, repercutindo, em echo, o clamor das imprecações e das supplicas, o estertor das vozes clamando, os gritos de victoria, as lastimas dos desas-



COIMBRA—Alunos do curso theologico

tres—as primeiras andorinhas correm céleres, azas estremecendo, almas estremecendo no meio dramatisado de tanto horror. Alli a primavera é como a mortalha piedosa de tantas agonias, a extrema unção de tanta vida desfeita, n'aquella immensa *sttepe* de cadaveres e de ruinas, regada de sangue, onde não ha a alegria d'uma flôr, a sombra amiga d'uma arvore e onde apenas a morte, sinistra, enclavinha as garras sangrentas, sobre o destino incerto de tantas vidas. Longe, mais para além, no canto d'uma tenda mal allumiada ainda pelo ultimo clarão do candieiro que estrebucha, o Kaiser medita, commovido, olhando aquelle scenario macabro, que um ceu primaveril enquadra e revê a felicidade perdida do seu paiz agora em lucta, os primeiros dias tranquillos do seu reinado feliz... Chegam até elle, com os primeiros hymnos das aves, todo o coro dos insultos, das maldições, que de longe lhe dirigem e o Kaiser,—o homem que querem apresentar como um sinistro sementeiro de desgraças, um ente



mau, perseguidor, sangrento, — sorri enlevado com aquelle ceu triumphal e em um doce e infantil encantamento de poesia ingenua, segue o vôo inquieto das andorinhas que são com uma ironia tragica no meio de tanta desgraça. Ao derredor a bocca vingadora dos canhões, em rancos de fera, despeja metralha e a terra estremece no novelinho de pó das granadas que estilhaçam, o silvar metalico das ballas mistura-se com a melancholia dos gemidos e o Kaiser, interroga, interroga-se, das razões poderosas que transformaram a terra n'um maranceado d'odios e d'ambições, qual o crime da sua terra? Que extranha, inexplicavel inveja, que desmedida, sordida ambição, gera esse cercado d'insultos, de ballas, de perseguições onde pretendem encerrar esse estado poderoso, forte, que se engrandeceu e progrediu, que se fez á custa propria e com o proprio esforço só sustem nas mãos honradas de trabalhador honesto, a hegemonia commercial do mundo? E' crime afinal reconstituir uma na-



BRAGA—A exposição dos trabalhos dos alumnos do distincto professor Julio Pina.

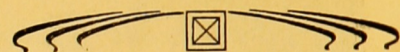
Alguns quadros expostos

Pastel do Ex.^{mo} Snr. Barão de S. Lazaro

ção, insuflar-lhe haustos de progresso, crear-lhe fontes de riqueza immensa, revitalisar-lhe as energias perdidas?!

De novo o ruido dos canhões e das pragas fustigou-lhe os ouvidos e o Kaiser, alçando a vista sobre esse oceano de ruinas, seguiu enlevado pelo ceu triumphal o vôo célere das andorinhas, percursoras da felicidade e de fartura, pairando como uma ironia macabra sobre aquelle montão de cadaveres e de ruinas...

JOSÉ FARIA MACHADO.



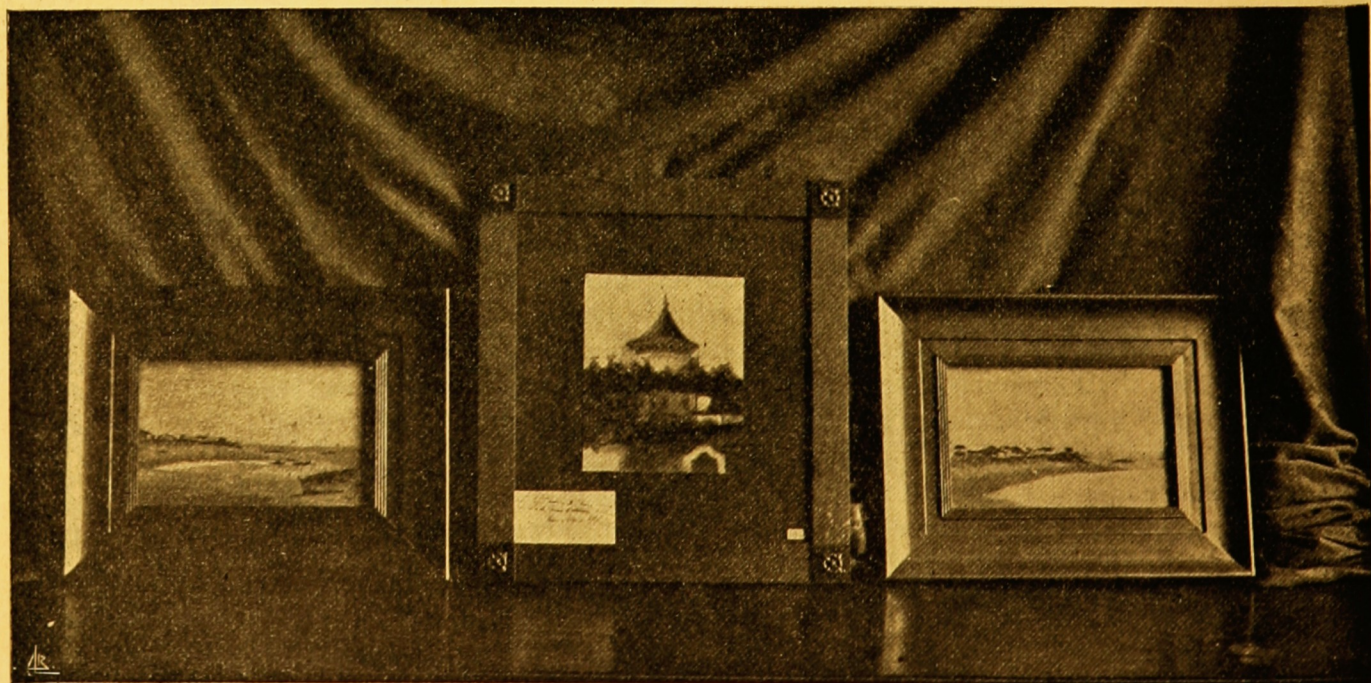
Hespanha Contemporanea

O que o cão viu

(De Fernandez-Florez)



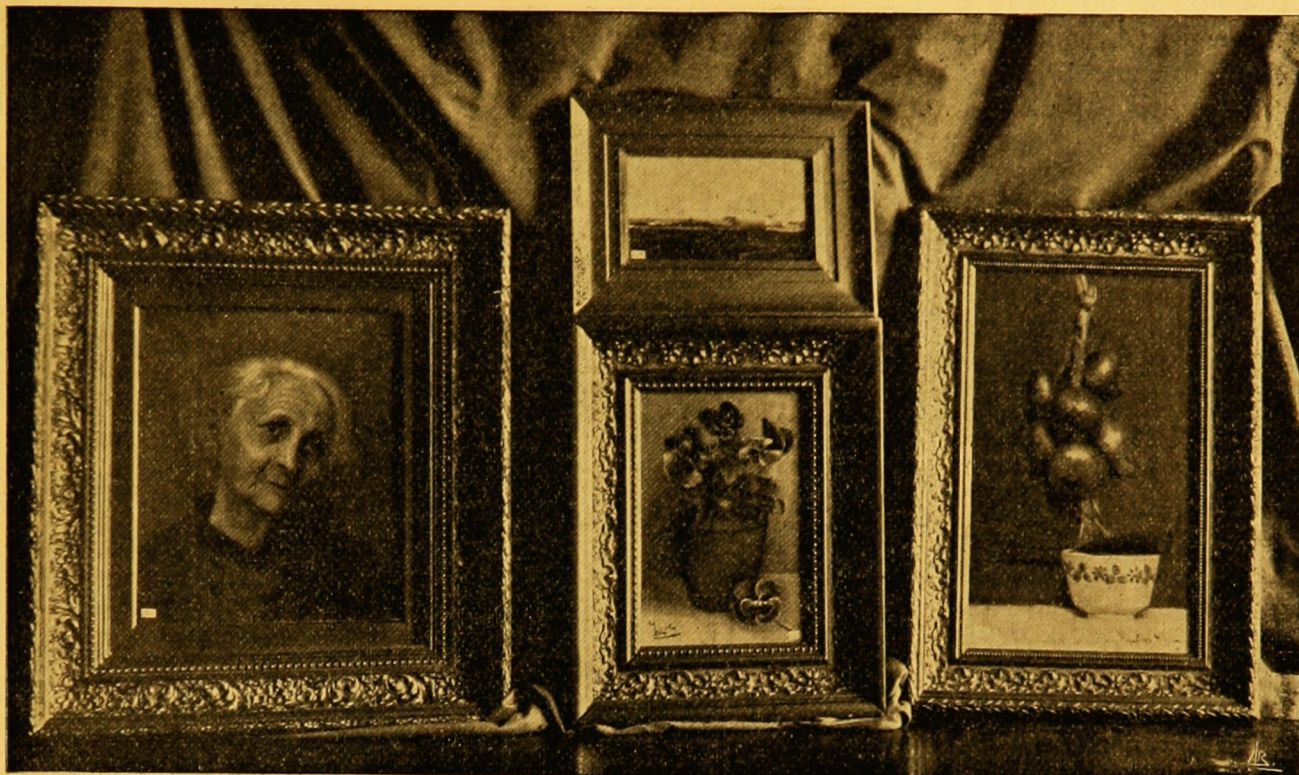
QUANDO a curandeira de Recemil entrou na cabana cabeceava eu no meu canto favorito, perto da lareira. Despertaram-me as vozes dos companheiros:



Marinha do Ex.^{mo} Snr. Dr. Justino Cruz

Pombal da Casa dos Biscainhos Pastel do Ex.^{mo} Snr. Barão de S. Lazaro

Marinha do Ex.^{mo} Snr. Dr. Justino Cruz



*Marinha do Exc.^{mo} Snr.
Dr. Justino Cruz*

*Pintura a oleo pela Exc.^{ma} Snr.^a
D. Paulina Owen*

*Pintura a oleo pela Exc.^{ma} Snr.^a
D. Irene Amaral*

*Pintura a oleo pela Exc.^{ma} Snr.^a
D. Irene Amaral*

—Santas noites!...

—Santas noites!...

E os tamancos soaram com força na louza da porta e mais abafadamente no adobo endurecido.

A curandeira olhou-nos com os seus olhos verdes redondos. Trazia o chaile negro apertado na cabeça á laia de lenço. Era meuda, delgada e as pernas comidas de carne, nuas, en-

BO
—
BO

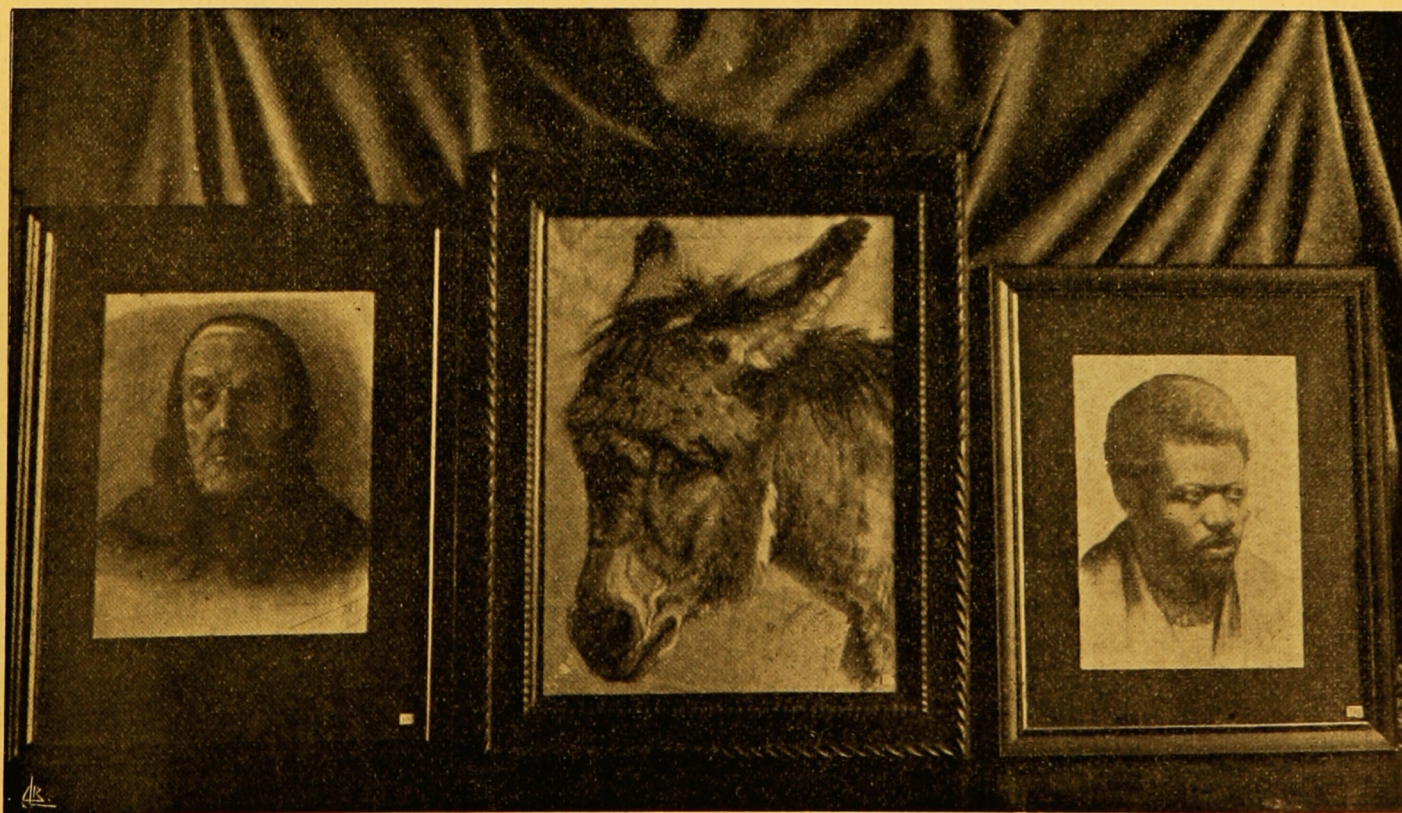
lameadas pelo barro dos caminhos, saham dos tamancos como se fossem dois paus que o fraldame vermelho contornava depois a um palmo do chão.

—Santas noites nos dê Deus!

Meu tio cumprimentou tambem sem se levantar do tósco banco.

A curandeira inquiriu então:

—E Olala como está?



*Desenho a carvão do Exc.^{ma} Snr.^a
D. Esther Nogueira Souto*

*Desenho a carvão da Exc.^{ma} Snr.^a
D. Maria Amelia S. Romão Brandão*

*Desenho a carvão do Exc.^{mo} Snr.
Dr. Justino Cruz*

Aproximou-se do catre e inclinou-se para ver a cara de minha irmã; os aldeões que tinham vindo com a mulherzinha, avançaram lentamente também.

—Sentarem-se . . . — grunhiu meu tio e sentaram-se junto ao lar sobre a lenha seca, que rangeu e ameaçou desfeixar-se com o pezo.

— Então está na mesma? — perguntaram.

— Na mesma . . . — afirmou meu tio.

Calaram-se sem saber que dizer. A respiração de minha irmã era debil como um gemido rouco mas parecia encher o silencio. A lingueta vermelha da candeia que allumiava a casa subia por entre uma columna negra de fumo que enchia, alargava, tremia funebremente. As sombras corriam sinistras nas paredes e no tecto. Apenas se ouvia, na córte visinha, o ruido d'alguma haste de boi arranhando na mangedoura ou o seu respirar possante. Depois outra vez o silencio cortado pelo respirar ancedo da doente.

Desde S. Froilan que minha irmã vivia sem viver n'aquella lethargica agonia,

Uma noite o gado voltou



LISBOA—A extincção das cultuaes nas egrejas da Graça e S. Vicente

Em consequencia d'um decreto publicado pelo actual governo, foram dissolvidas as associações cultuaes das egrejas da Graça e S. Vicente, por se provar que os membros que as constituem não eram catholicos sendo os templos entregues ás irmandades fabriqueiras que antes as possuiam.

Como os membros das referidas associações se negassem a dar a posse ordenada pela auctoridade foi por esta dada ordem para se proceder ao arrombamento.

O padre Luiz de Souza subindo a uma janella para abrir a porta da igreja da Graça



Os membros da irmandade fabriqueira, auctoridades e curiosos entrando no templo depois de feito o arrombamento

só ao curral. Ella veio no dia seguinte, manhã alta, nos braços d'uns pastores que a encontraram n'um barranco, a roupa humida do orvalho, adormecida n'um desmaio de que não despertou mais. Meu tio e eu passamos longas horas olhando-a. A's vezes mechia os beiços como se fosse fallar; outras levantava, difficilmente, exforçadamente, a mão trigueira até á cabeça, como para abrandar a dôr. Entre o cabello tinha uma ligeira ferida onde encontramos uma pequena gôtta de sangue coagulado. É um dia, outro dia, assim, com aquelle mesmo gemido rouco, aquelle torpôr invencivel . . . Uma visinha aconselhou:

—Porque não chamam a curandeira de Recemil, que tem artes milagrosas?



LISBOA — A Reconciliação da igreja da Graça.
Sua Eminencia o Snr. Cardeal Patriarcha benzendo o templo

Meu tio trouxe então a curandeira á garupa do seu ginete de crina larga e preta,

Houve conciliabulo em volta do humilde catre. Todos olhavam o pobre corpo immovel de baixo da coberta de chita vermelha.

Outra visinha aventou:

—Cahiria pelo barranco?!

A curandeira não respondeu e o silencio e a expectativa augmentaram tristemente. Depois a velhota, abriu, condoida, as palpebras de minha irmã e começou palavreando.

—Não cahiu, não minha flôr, não cahiu.

Foi surpreendida pela «*Santa companha!!*» Vejam como a pobre tem ainda nos olhos o reflexo das luzes... Todas as cabeças se voltaram curiosas para minha irmã. A curandeira sustentava abertas, com os dedos enrugados as palpebras inertes. Via-se apenas o branco azulado e um bocado da pupila da enferma. A medo, uma voz murmurou:

—E' certo é coitada! Ainda se vêem umas, atraz das outras as *lusinhas* da «*Santa companha.*»

E todos, cheios de medo, estarrecidos apoiaram n'um *ah!* mysterioso e abafado.

Depois a curandeira explicou. Conhecia mais casos. Bastião, o de Treves, encontrou-se uma vez com a branca procissão das almas penadas que pelas noites corre os campos. Fizeram-lhe pegar n'uma luminaria e seguiu-las leguas e le-

guas. Ao amanhecer foi encontrado n'um corêgo fundo, moido quasi exanime. Desde esse dia nunca mais teve saude. O feitiço emagrecia-o, seccava-o e se a «*Santa companha*» não o tivesse desenfeitado na terra não haveria saber humano que o podesse melhorar.

Mas Olala, podia curar-se. Estava proxima a noite das «*animas*» a unica, em que as almas peregrinas, podiam acercar-se da igreja e então alli, dominadas beneficemente pelo seu santo influxo, os espiritos destruiriam o mal.

Olala deveria ir com uma *lumieira*, ao bater da meia noite e a «*Santa companha*» ao dar a terceira volta ao derredor da igreja tomaria o archote das mãos da enferma que logo sarava. Olhos humanos é que não poderiam presenciar a scena para lhe não perturbarem a efficacia. A curandeira mesmo ficaria, detraz do muro do adro, a resar as palavras milagrosas de S. João.

... Levaram a Olala. Os aldeões que tinham vindo com a curandeira seguravam a padiola e meu tio seguia um pouco atraz. O enorme cão que guardava o eido levantou-se silencioso e seguiu o breve cortejo farejando as roupas que cobriam a doente.

Entrou pela nesga da porta uma lufada de vento que fez tremer mais a lingueta rubra da candeia, as sombras estremeceram tambem e

no meio da solidão, pareceu-me que as paredes cresciam. Era muito tarde já e devia estar próxima a hora dos *esconjuros*. Sentia-se mesmo o spasma do mysterio. Que de extranhas coisas tenho sentido na minha vida! Entre o mysterio e eu houve sempre um laço invisivel. Quando morreu minha mãe ouvi os tres golpes que o bordão de S. José dava na porta dos agonisantes e uma voz longinqua chamou-me «Fabião! Fabião!» Muitas vezes quando o tio medita, tempo sem conta sentado no seu banco á beira do vejo apparecer por cima d'elle a cabeça do homem, que elle matou n'uma desordem, na mocidade. Então o cão ladra e meu tio impondo-lhe silencio com um grito, mal sabe que eu e o cão vimos aquelle rosto livido definir-se no ar com um vago resplendor. N'aquella noite senti envolver-me o mesmo ar sobrenatural. O somno invadia-me mas eu luctava, dominando-o.

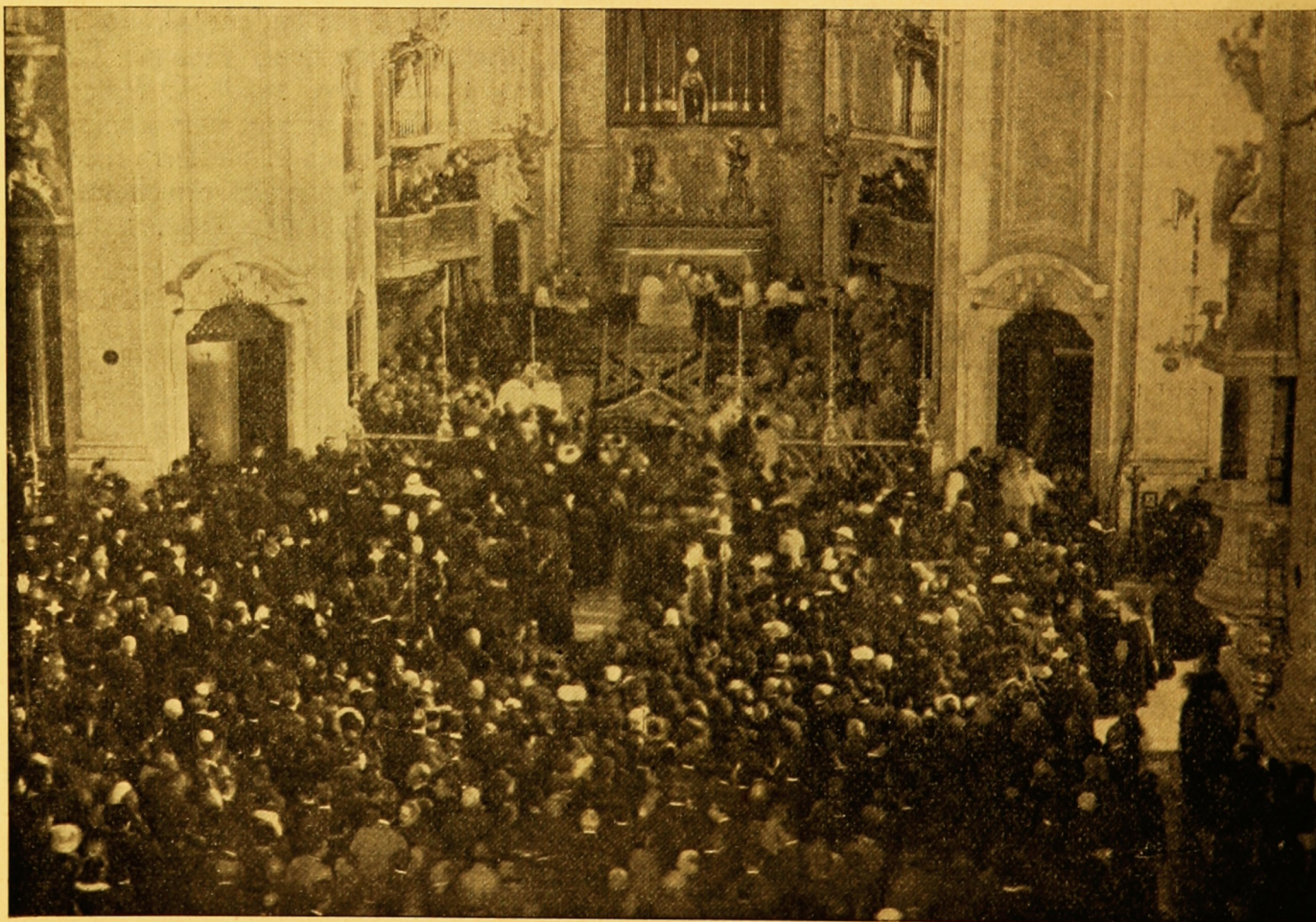
Punha-me a phantasiar a cerimonia que iria celebrar-se no adro, via a pequena igreja como uma sombra mais negra entre as sombras da noite e Olala, sobre as lousas das campas, orladas de musgo e cruzadas de funebres inscrições, parecia uma mancha de madrugada leve. Do outro lado do muro a curandeira de Recemil murmuraria os seus *esconjuros* e eu imaginava ver o brilho verde dos seus olhos tremendo na escuridão. Junto a minha irmã o archote ardendo. No florão da igreja tremia um resplendor vago e a sombra d'uma arvore proxima, estendia-se no chão como querendo fugir. Depois os espectros altos, brancos, pro-

cessionaes, da «*Santa companha*» appareceriam silenciosos, inesperados, por detraz d'uma esquina do templo e aproximar-se-hiam lentamente...

Tinha medo mas pensava, no meio dos meus terrores, que Olala talvez sarasse. Era mais velha do que eu... Teria quinze annos... Quando morreu até o campo me pareceu triste!!

Emquanto viver hei de sempre lembrar aquella meia hora passada na solidão d'aquella casa povoada de sombras e rumores. Mechia-se apenas algum galho secco da que estava junto ao lar, resfolegava algum boi ou uma pedra corria pela pendente do telhado. Algumas vezes á chamma da candeia que tremia os objectos pareciam tremer tambem. A porta estava aberta ainda e todas as sombras da noite, ameaçavam desde o humbral, acenavam, como para assaltar-me; ouvia-as cuchichar, porque as sombras cuchicham, têm voz, como um sussurro, um rumor apagado. contando os seus horrores.

Uma rafaga passou pelo meio d'ellas e entrou tiritando com frio e com ella pareceu entrar tambem um grito longinquo d'angustia... Sentiu-se o ruido d'uma corrida offegante. Levantei-me assustado, o cão entrou, correu para mim, a tremer, suffocado e escondeu-se com o meu corpo. Esteve assim um minuto mortal em que os meus olhos esbugalhados se fixavam na porta á espera do gigantesco horror... Tremiam juntos os nossos corpos. Depois o animal arrastou-se lentamente para as sombras pavorosas, que enchiam o vacuo e uivou como no dia tragico em que ouvi as tres pancadas da



LISBOA — Um aspecto do interior da igreja da Graça, durante a missa celebrada com a assistencia do Snr. Cardeal Patriarcha



Sua Eminencia o Snr. Cardeal Patriarcha, clero e assistentes depois da reconciliação

(Clichés do nosso corresp. phot. de Lisboa)

vara de S. José. Os seus olhos, azeos de terror olhavam horrorizados para lá das trevas, apavorados. Deus sabe porque horripilante mysterio que divisavam sobre as campas do adro onde Olala morreu n'aquella noite . . .

Paço Episcopal.

(TRAD. F. DE M.)

Cardeal Agliardi

Da familia dos condes Agliardi, nascera em 4 de setembro de 1832, em Colonia de Bergamo. Estudou em Roma e foi 12 annos parochio em Bergamo. Foi chamado a Roma em 1877; ahi exerceu cargos diversos. Em 1884 foi



CARDEAL AGLIARDI

Fallecido em Roma em 20 de Março

creado Arcebispo de Cesareia e enviado como Legado apostolico ás Indias orientaes para preparar a nova concordata com Portugal, respeitante á jurisdicção de Goa. Em 1886 foi novamente ás Indias, onde presidiu os concilios de Colombo, Bangalore Allahabad e proclamou a gerarchia catholica. Foi depois nuncio na Baviera, em Vienna, e embaixador extraordinario na Russia. S. S. Leão XIII creou-o Cardeal em 1896, com o titulo de S. Nereo e Achileu, do qual foi elevado á Sé suburbicaria de Albano. Era o sub-decano do S. Collegio, e Chanceller da Santa Egreja e pertencia ao Tribunal da Signatura.

A "Illustração Catholica,, no Brazil



RIO DE JANEIRO — Praia de Icarahy

(Cliché de José de Carvalho, dist. phot. do «Jornal do Commercio»)

Retratos Femininos

Santa Cecilia

Linda, innocente, e mais que linda, pura,
um rosto angelical e mais que humano
quando inda não existia o atroz piano
sua harpa a alma encantava, inda a mais dura.

Virgem e esposa foi de Valeriano.
Virgem mantém sempre a ideal candura.
Virgem corre ao supplicio de um tyranno.
Virgem baixou, sorrindo, á sepultura.

Lirio, durou o espaço de uma hora.
Ara, voou dos lamaças em fóra.
Harpa, exalou o derradeiro ai.

Musica, está nos céos cantando a Aurora.
Lagrima, está por nós chorando agora.
—Ideal, leva a minha alma onde a Aguia vae!

Santa Rita de Cassia

Esposa e afflita Mãe!... A sorte mesta
semeou teu chão dos cardos mais horriveis.
Jesus pregou-te um cravo na alva testa.
Rainha te coroou dos *Impossiveis*.

Se a vida te não foi palacio em festa.
tu procreaste as obras mais incriveis,
foste a alma estoica, silenciosa, honesta,
a alma da Sombra!... em sombras incoerciveis.

Sim! sombras! sombras!... Mães affaveis!
mesmo á dextra de Deus, sois miseraveis.
se vêdes filhos máus seguir máus trilhos.

Sim! perguntae aos monstros mais ferinos,
mesmo á leôa, a chorar seus pequeninos,
se ha Mãe feliz, tendo infelizes filhos!...

Cascaes, XV-III-MDCCCXV.

GOMES LEAL.

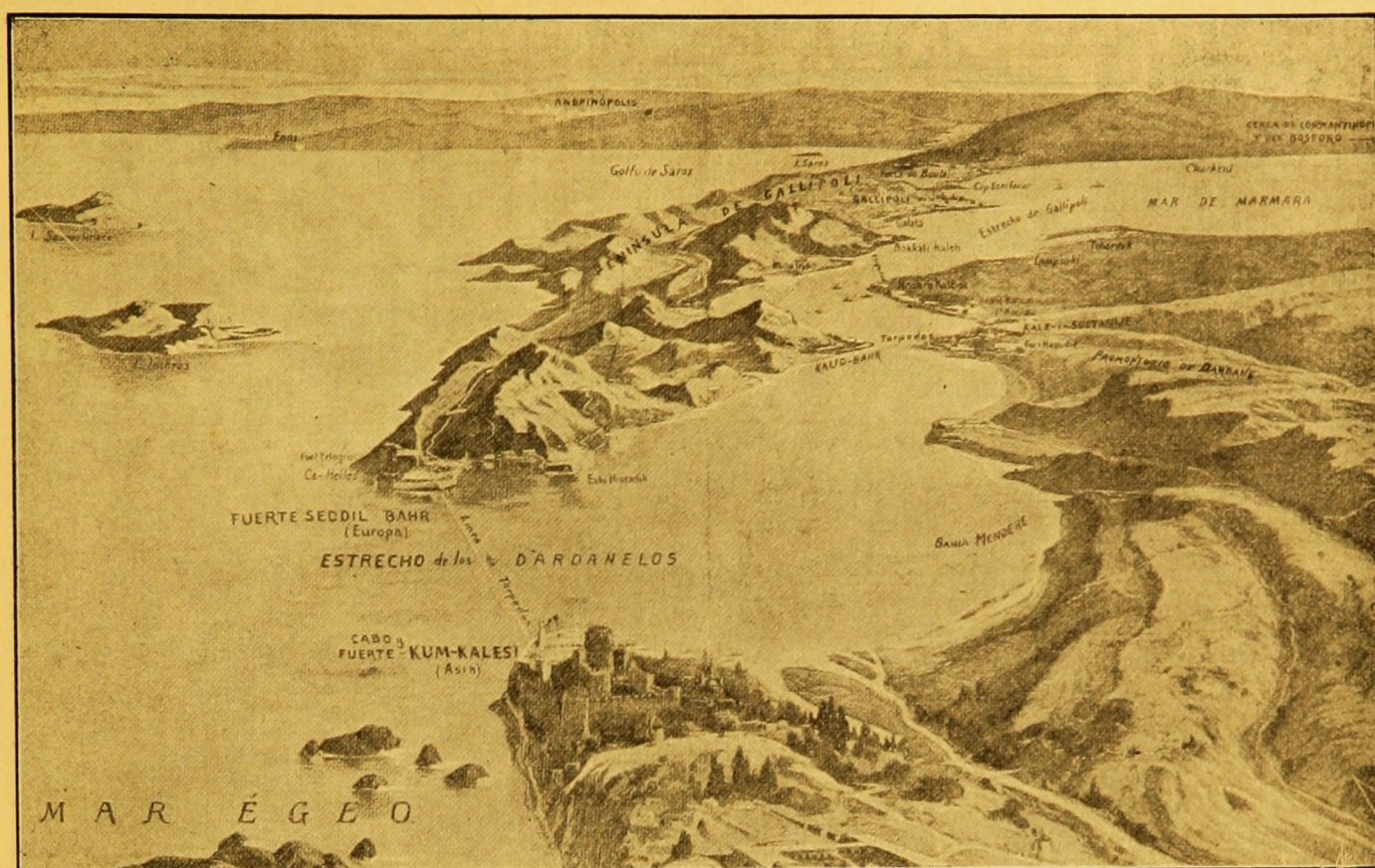
A Guerra Europeia



Tropas russas acampadas em Cracovia



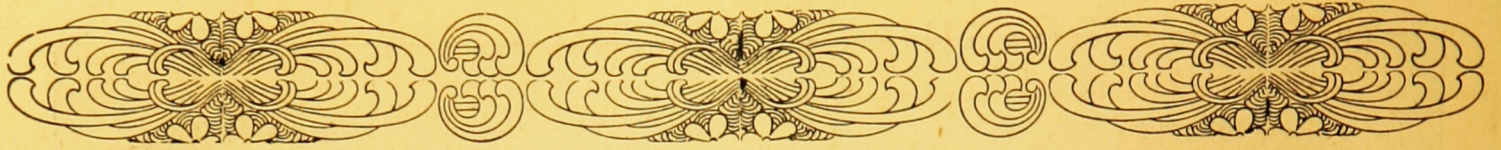
Um general do exercito francez condecorando um soldado pelo seu heroismo na lucta contra os allemães



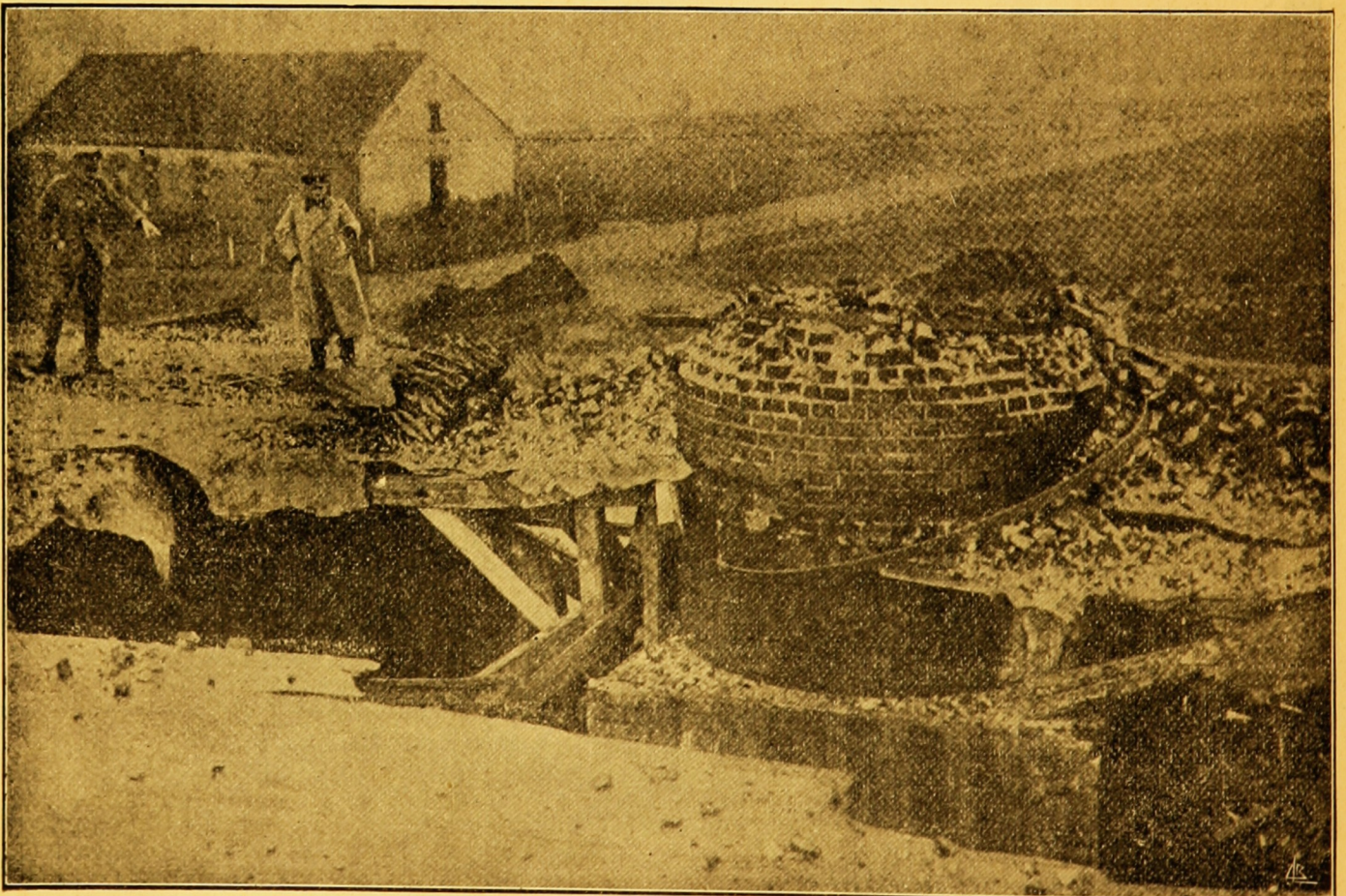
Vista panoramica do estreito de Dardanellos e dos fortes bombardeados pela esquadra anglo franceza



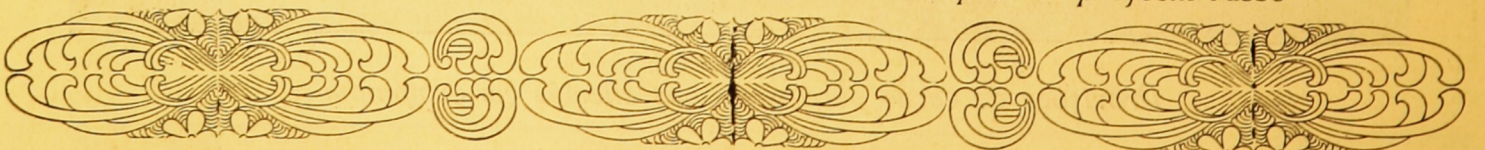
Provisões de carne para as tropas allemãs em campanha



A vida nas trincheiras



Destroços causados em uma fabrica de Darkehmen por um projectil russo



Caricaturas internacionais da guerra



O Japão bifronte!

«Uma cara para aprender a cultura allemã, outra para a destruir».

(Do jornal allemão *Der Brummer*)



Os novos papões!

(Do *Mucha*, de Varsovia)



A revolução na Africa do Sul instigada pelos allemães.

(Do *Evening News*, inglez)



A alliança com a Turquia

Em cima: O Kaiser:

Que o Sultão e os 300 milhões de mahometanos de todo o mundo, que o reconhecem como chefe espiritual, tenham a certeza de que com todo o tempo o imperador allemão será seu amigo.

O Kromprinz: Eu tambem!

Em baixo: Os turcos:

Salvae-nos do nosso amigo!

(Do *Daily Mirror*, inglez)

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Que é Portugal?



oltando a Roma o nuncio em Lisboa, D. Francisco Raviza, perguntou-lhe o papa:

— Que vos pareceu Portuga!?

— Santissimo Padre, Portugal é uma nação tão grande que querendo os portuguezes destrui-la o não podem conseguir!

Duque d'Alva

Pretendeu D. Fradique de Toledo ser general da armada de Castella, mas sendo preferido por outro foi queixar-se a seu pae, o duque d'Alva, que lhe deu este conselho:

— Servi, soffrei, vivei, e sereis o que quizerdes.

Topete sem cabeça

Em anno que o conde da Castanheira, D. Antonio de Athayde, passou o verão em Villa-Franca, um homem nobre, mas de poucas rendas, chamado Topete, fez festas rijas com meza lauta para amigos e parentes. Ouviu o conde contar o excessivo gasto, e commentou:

— Já vi muitas vezes cabeça sem topete, mas *Topete* sem cabeça só agora.

E' para nós os dois ...

D. João II indo com a rainha por uma queilha, em Setubal, viu correr para elles um toiro. Um popular saltou o muro entre as pessoas reaes e a fêra, e foi direito á cabeça do toiro. O rei, homem de grande força, pegando na rainha e pondo-a a salvo sobre o muro, correu para o toiro de parellhas com o subdito, dizendo:

— Isto é para nós dois, meu rapaz.

Espada virgem

O rei D. Manoel que em vespera de S. João não comia coisa que tocasse sangue, estando n'esse dia em Cintra perguntou a Gonçalo da Silva que deveria comer.

— Coma V. Alteza a ponta da espada de F... que em sua vida não tocou sangue.

O alludido fidalgo nunca tinha estado em batalha e nunca se tinha batido, por isso era virgem a sua espada.

D. Alvaro de Castro

N'uma tarde de aspero inverno sahia do convento da Graça, acompanhado de numerosa comitiva, o rei D. João III. Iam todos descobertos sob as rijas bategas d'agua; porém D. Alvaro de Castro, governador da cidade, cobriu-se, dizendo ao rei:

— O bom portuguez é obrigado a morrer pelo rei, mas não a adoecer.

Rei mouro

O ultimo rei mouro de Granada, vencido das tropas de Fernando e Isabel, sahio da cidade louco de dôr. Chegando a uma eminencia, voltou-se para o reino que com tanta fraqueza perdia e chorou convulsivamente.

Sua mãe observou-lhe:

— Bien es que llore como mujer quien nó la supo defender como hombre.

O avarento de Florença

Vivia em Florença um homem muito rico mas tão avarento e miseravel que em uma occasião disse-lhe Cosme de Medicis:

— Para viveres em semelhante miseria para que ajuntas?

— Para quando V. Excelencia lançar algum tributo ter com que o pagar.

Tristão da Cunha

Escrevendo a Nuno da Cunha, governador da India no tempo de D. João III, dizia Tristão da Cunha:

— Meu filho, cá dizem mal de ti a el-rei; mas faze justiça, manda pimenta e deita-te a dormir.

Uma nação não pode ser livre, se não é virtuosa; quanto mais corruptos e depravados se tornam os povos, tanto mais tem necessidade de dônos.—*Franklin*.

O futuro d'uma creança é sempre obra de sua mãe.—*Napoleão*.